



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7210 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

PENSANDO EM COMO DEFENDER UM PONTO DE VISTA: A LEITURA E A ARGUMENTAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Adriana da Paixão Santos - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

COMO DEFENDER UM PONTO DE VISTA: A LEITURA E A ARGUMENTAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz uma investigação da compreensão leitora de alunos com deficiência visual, que apresentavam dificuldades significativas relacionadas ao processamento da leitura e a construção e posterior utilização de argumentos. Como participantes, 10 alunos cegos ou com baixa visão, matriculados no Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual – CAP, localizado na cidade de Salvador – Bahia. Buscou-se a leitura como um objeto de organização lógica do pensamento argumentativo, trabalhando elementos em que houve maior incidência de erros e dificuldades. A fundamentação teórica básica para o entendimento do processo de leitura foi baseada em autores como Kato (1985), Solé (1998), e Smith (1999). A metodologia utilizada para organizar a presente proposta foi baseada em Bortoni-Ricardo (2008) e Thiollent (2011), caracterizando-se, portanto, como uma pesquisa-ação. Para tanto, o gênero textual escolhido foi o Artigo de Opinião, que foi estruturado em uma sequência didática, com atividades organizadas que valorizassem todo e qualquer momento de interação nos diversos espaços escolares, proporcionando crescimento social e intelectual. Os resultados finais da pesquisa mostram a importância de se valorizar os argumentos que as pessoas com deficiência visual apresentam no dia a dia, indicando seu poder de compreensão e participação ativa nas discussões que envolvem questões complexas.

2 LEITURA E COMPREENSÃO LEITORA

Na escola, a leitura perpassa por uma série de etapas, em que se propõe ao alunado a análise de textos que exigem certa atenção aos seus elementos, relacionados à coesão e coerência, que organizam o pensamento de um autor a respeito de um determinado assunto. Marcuschi (2011) nos apresenta a ideia de que a compreensão de um texto significa muito mais do que

uma simples forma de o sujeito inserir-se no mundo, significa pensar, a partir do que compreende, sobre como agir nesse mundo, com o outro e para o outro dentro de uma sociedade, afirmando que

[...] vale a pena indagar o que está sendo dito, ou o que o autor quis dizer. Existem, pois, má e boa compreensão, ou melhor, *más e boas* (grifo do autor) compreensões de um mesmo texto, sendo estas últimas atividades cognitivas trabalhosas e delicadas. (MARCUSCHI, 2011, p. 89)

No caso do estudante com deficiência visual, a leitura deve ser estimulada contemplando os aspectos estruturais e contextuais dos textos apresentados, proporcionando-lhe a percepção das informações implícitas e explícitas do material oferecido, demandando a elaboração e aplicabilidade de estratégias de leitura que possam atender às expectativas tanto de alunos com deficiência visual quanto de professores, dentro do processamento da leitura. Solé (1998) caracteriza, em dois tipos, as estratégias de leitura, como sendo importantes instrumentos para uma leitura proficiente, permitindo ao leitor a compreensão e interpretação de textos lidos de maneira autônoma, despertando em todos o senso crítico, independente e flexível.

a) *Estratégias Cognitivas*: Referem-se às operações mentais ou procedimentos que o leitor realiza para alcançar o conhecimento desejado e que auxiliam no entendimento da informação apresentada pelo autor em seu texto. Kato (1985, p. 102) afirma que são “princípios que regem o comportamento automático e inconsciente do leitor”, isto é, aquilo que o leitor já tem internalizado por conta de seu conhecimento prévio e que ativa automaticamente no momento em que localiza informações que lhe são conhecidas.

b) *Estratégias Metacognitivas*: Referem-se às operações mentais ou procedimentos que o leitor realiza, mas que estão centrados nos processos cognitivos que usa para apreender os conhecimentos, mas organizados de tal maneira a controlar e regular sua aprendizagem. Kato (1985, p. 102) afirma que tais estratégias exigem do leitor a desautomação e reelaboração de seus conhecimentos, verificando constantemente o que está aprendendo e monitorando o comportamento leitor até sua adequação ao que está lendo de desconhecido.

O autor, o texto e o leitor dialogam entre si de forma ativa, considerando a interação e a forma como a comunicação entre eles se processa. Essa dialogicidade varia segundo as circunstâncias de leitura, dependendo de vários fatores, sempre correlacionados entre si. Isso permite ao educando (re)elaborar suas estratégias de leitura até concatenar aquelas que lhe sejam adequadas ao que lê no momento.

A questão é: como proporcionar ao aluno a realização de uma leitura compreensiva e o aprender a aprender a partir do que lê? E como fazer isso com o aluno deficiente visual?

3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO TEXTUAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Os conceitos de habilidades e competências nas avaliações externas estão traduzidos naquilo que o MEC denominou de Tópicos e Descritores organizados em Matrizes de Referência. Os tópicos referem-se às competências, enquanto os descritores tratam das habilidades gerais que são esperadas dos alunos ao longo do processo de escolarização. Assim, fazem-se necessárias atividades organizadas que valorizem todo e qualquer momento de interação nos diversos espaços escolares e que venham proporcionar crescimento social e intelectual, o que se constitui em etapas de uma sequência didática, que Zabala conceitua como

[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim

conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos. Têm a virtude de manter o caráter unitário e reunir toda a complexidade da prática, ao mesmo tempo que são instrumentos que permitem incluir as três fases de toda a intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação. (ZABALA, 1998, p. 18)

Para esse autor, a sequência didática organizada em etapas, possibilita a elaboração de atividades como leitura, análise textual ou mesmo um trabalho de pesquisa individual, com o objetivo de promover o ensino e a aprendizagem do alunado, com vistas a uma compreensão significativa daquilo que aprende. Suas etapas vão desde o levantamento do conhecimento prévio do aluno sobre a questão apresentada, até alcançar a sistematização, análise, discussão e proposição de possíveis soluções ao problema apresentado, exigindo tanto do professor quanto de alunos, a negociação de significados (ressignificação do problema e/ou dos conhecimentos prévios), tornando-se importante atrativo para se trabalhar com compreensão textual com alunos cegos ou com baixa visão.

As dificuldades que os alunos com deficiência visual apresentam são as mesmas que uma pessoa com visão normal, mas o agravante neste caso seria a generalização das atividades de compreensão leitora, que se torna comprometida devido ao processamento informacional bastante específico que o Braille exige, além de dificuldades no processamento da leitura de alunos que usam fontes ampliadas, como Arial tamanhos 18 a 24, já que ocorre a perda do campo visual, demandando tempo para organizar as informações percebidas no texto.

A metodologia e todo acompanhamento do processo desse estudo tiveram a pesquisa qualitativa como base, além de haver uma breve análise quantitativa, tendo como objetivo maior analisar como um determinado processo ocorre em um espaço determinado e de que forma os sujeitos participantes percebem e interpretam as atividades propostas. O trabalho com leitura e análise de artigos de opinião de temáticas diversas, relacionadas ao cotidiano dos alunos, aconteceu conforme solicitação dos mesmos durante a realização da Atividade Diagnóstica. O assunto tratado envolveu estratégias de compreensão textual através do artigo de opinião no processamento da leitura do aluno com deficiência visual. Os conteúdos abordados abrangeram o artigo de opinião e algumas especificidades relacionadas ao descritor que apresentou baixo rendimento, no caso, o *estabelecimento de relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sua sustentação*. Os Materiais/Recursos utilizados foram os específicos do grupo: Textos em Braille, textos em fonte ampliada, reglete, punção, Máquina Perkins Braille, caneta hidrográfica de ponta porosa, caderno, lápis, tablet, celular.

O público desse estudo foi composto inicialmente por 10 alunos com deficiência visual (cegos ou baixa visão) matriculados em um centro de atendimento a pessoas com deficiência visual, na cidade de Salvador. Alguns estavam matriculados também em escolas da rede regular de ensino, sendo isso um dos requisitos para estarem matriculados no serviço de Apoio Pedagógico. Durante a realização da atividade, foi realizada a leitura de dois pequenos artigos, para verificar o nível de compreensão textual dos alunos, dentro do que é proposto pelos descritores analisados. A ideia foi motivar os alunos a organizarem melhor seu raciocínio de forma coerente e argumentativa perante a leitura de outros gêneros textuais e sua aplicabilidade no cotidiano. Todos os recursos utilizados foram os textos impressos em Braille e tipos ampliados, imagens coloridas e ampliadas, gravador, papel, caneta, reglete, punção, computador, aparelho celular, tablet.

Assim, esta atividade também teve como objetivo motivar profissionais da educação e de áreas afins para o aprendizado e domínio de estratégias de leitura e compreensão leitora, assim como suas possíveis adaptações às situações em sala de aula que assim exigirem, estimulando a aplicação de atividades dinâmicas e criativas como um meio facilitador da inclusão, ampliando-se as possibilidades de efetivo atendimento às reais necessidades das pessoas cegas e com baixa visão, no contexto social e educacional,

[...] através da organização de pontos de convergência a um ensino coerente com uma proposta inclusiva de construção do saber que lança mão de estratégias abrangentes nas quais os saberes dos alunos sejam valorizados em meio à diversidade presente nas escolas [...] (LIPPE & CAMARGO, 2009, p. 134),

oportunizando a esses alunos a ampliação das potencialidades, habilidades e oportunidades não só educacionais, mas sociais, culturais e profissionais, dando-lhes, ainda, maiores condições de igualdade e equidade social.

4 DESCREVENDO A ETAPA DE TRABALHO

O objetivo desta pesquisa foi oferecer subsídios para que o aluno pudesse relacionar, de forma segura, os argumentos à sua tese, estabelecendo relação de coesão de sentido de um artigo de opinião, observando-se seus contextos de aplicação. Tal objetivo faz referência ao Descritor 8^[21], da Matriz SAEB. O texto de Marta Suplicy, *Namoro na Adolescência*, foi muito debatido, pois a temática no âmbito das pessoas com deficiência ainda é um ponto polêmico. E7 deu um depoimento bastante forte sobre o assunto, mostrando que

[...] existe um preconceito ainda mais forte do que a questão da inclusão de pessoas com deficiência na escola. Pais que não permitem que seus filhos se relacionem com cegos ou com baixa visão, achando que isso é contagioso como uma gripe. Minha sogra passou um bom tempo me evitando, achando que eu era uma pessoa ruim só porque enxergo com dificuldade. Já meu namorado me apoia sempre que preciso ler um texto com a letra pequena. Minha adolescência foi bem difícil, até meus pais achavam que eu só namoraria alguém que também tivesse alguma deficiência. Eu não queria que eles ficassem controlando meus sentimentos. Eu queria alguém que me ajudasse a entendê-los, não que os criticasse.

Foi realmente um assunto de difícil trato, principalmente entre os alunos. E5, E8 e E9 deram os depoimentos mais contundentes em relação a isso. Sentimentos como rejeição e medo fizeram com que as discussões se tornassem extremamente pessoais e que, ao mesmo tempo, fossem importantes para que cada um conhecesse as dificuldades de seus colegas, possibilitando evitassem pessoas com deficiência.

5 CONCLUSÃO

Este texto, recorte da pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional, teve como objetivo estabelecer relações entre a tese apresentada em um artigo de opinião e os argumentos oferecidos para sustentá-la, trazendo assim, uma nova perspectiva aos professores da Educação Básica, ao apresentar meios de se organizar investigações dentro do próprio ambiente de trabalho, enriquecendo suas práticas docentes e oferecendo aos alunos algo que eles buscam enquanto estão na escola: o conhecimento e o reconhecimento de que são importantes não por conta da deficiência, mas porque fazem parte daquele grupo de alunos ali matriculados. Buscamos, através da atividade apresentada, mostrar que estimular a leitura tendo como bases documentos sistematizadores e metodologias dinâmicas propiciam ao deficiente visual a possibilidade de expressar-se e de compreender o que lê e o que escuta, podendo discutir com colegas aspectos importantes que podem contribuir para o enriquecimento dos seus conhecimentos prévios

Não é fácil desenvolver atividades que envolvem a desconstrução do conhecimento prévio de um cego ou de um aluno com baixa visão, e isso mexeu com suas estruturas psicológica e emocional. Mas, ao mesmo tempo podemos observar que sua curiosidade com relação ao mundo aumentou, quando passaram a nos solicitar outras atividades correlacionadas que possam enriquecer, cada dia mais, seus conceitos e repensem seus pré-conceitos a respeito do seu conhecimento de mundo.

Infelizmente, muito ainda temos a fazer para destruir o paradigma da exclusão do aluno com deficiência na escola regular. É importante compreender que ser um leitor/produtor textual proficiente não significa somente saber codificar/decodificar um texto, seja ele o tipo que for, mas é necessário saber interpretar as semioses ali presentes. Os múltiplos letramentos devem favorecer essa formação, englobando a apreensão de conhecimentos diversos, em situações diversas, partindo do uso de diferentes elementos, criando assim, eventos de leitura literária capazes de transformar o espaço de convivência em um ambiente plural em ideias e reflexões de mundo capazes de enriquecer e transformar o conhecimento já existente.

Apontamos a necessidade de mais estudos sobre a compreensão leitora nessa especificidade, que é quase nulo no Brasil, apenas referindo-se aos escritos sobre o Sistema Braille e sua aquisição. Compreender como um cego ou baixa visão lê é importante, pois fatores como subutilização dos sentidos remanescentes e não exercício do resíduo visual comprometem o processo de leitura e, conseqüentemente, o entendimento do que está posto graficamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Língua Portuguesa**. Orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. Brasília: 2009. 84 p.

BRASIL, Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação – Razões, Princípios e Programas - 2008**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990, 121 p.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **Gêneros textuais – Práticas de leitura escrita e análise linguística**. Petrópolis: Vozes, 2015, 152 p.

LIPPE, Eliza Márcia Oliveira; CAMARGO, Eder Pires. de. O ensino de ciências e seus desafios para a inclusão: o papel do professor especialista. IN: NARDI, Roberto (org.) **Ensino de Ciências e Matemática, I: temas sobre a formação de professores** [online]. São Paulo: editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. ISBN 978-85-7983-004-4. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão textual como trabalho criativo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores de didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 89-103, v. 11.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 194 p.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.

Palavras-chave: Educação Especial, Deficiente Visual, Língua Portuguesa, Leitura, Artigo de Opinião.

^[1] Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.